

## SOCIOLOGIA E POLÍTICA – ESCOLA DE HUMANIDADES

### X SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

## DO PÓDIO À SEGREGAÇÃO: REPRESENTATIVIDADE DE ATLETAS NEGROS NA CIDADE DE SÃO PAULO

**Andrea Ariani<sup>1</sup>**

[ariani.is.andrea@gmail.com](mailto:ariani.is.andrea@gmail.com) - FESPSP

**RESUMO:** Buscar entender a cidade e suas diferenças a partir da perspectiva de seus personagens é uma das maneiras de tentar desvendar de onde partem as desigualdades, porque determinados problemas são tão regionais e como e porque se perpetuam. As diferenças de classe, de gêneros, a discriminação por raça e cor são exemplos de problemas urbanos, humanos e, como na boa parte dos grandes centros, também fazem parte da história da cidade de São Paulo. A escolha do artigo foi a partir da trajetória de dez atletas negros, nascidos ou que atuaram em equipes paulistas ou paulistanas, que conquistaram grandes premiações, tem medalhas e recordes em competições internacionais, mas são ilustres desconhecidos na cidade em que nasceram ou representaram alguma equipe ou time. A metodologia foi de enumerar não só nas entidades esportivas, mas também bancos de dados de artigos científicos e outras fontes de pesquisa como bibliotecas físicas e online, acervos de revistas e jornais, e em sites de busca na internet e saber como e de que forma estão apresentados os materiais sobre eles nesses locais. A História, a Sociologia, e, principalmente, a Biblioteconomia e as Ciências da Informação registraram as conquistas esportivas e atuação como cidadãos. O objetivo da pesquisa foi usar o suporte dessas ciências, principalmente ligadas ao registro e memória, e verificar quais meios podem dar mais acesso a que mais pessoas possam conhecer as histórias e esses nomes passem a ser referência na memória esportiva da cidade.

**Palavras-chave:** Esporte. Atletas. Racismo. São Paulo. História. Memória

1. Formada em Comunicação Social (Rádio e TV), pós-graduada em Jornalismo Esportivo.

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar a representatividade e o pertencimento a lugares, períodos de tempo, ou a determinada classe social pode ser feito a partir de alguns fundamentos que a História, a Sociologia e as profissões dedicadas a preservar e cultivar a memória nos fornecem. É por meio de uma análise multidisciplinar que este artigo pretende relatar a trajetória esportiva de dez atletas negros, em sua maioria de origem periférica, e verificar se os registros históricos representam suas carreiras e conquistas que ajudaram a construir a trajetória esportiva da cidade de São Paulo.

A História, como disciplina, estuda e registra o homem através do tempo: seu surgimento, a evolução das organizações sociais, a constituição da cultura e as transformações técnicas e tecnológicas. Mas, quando as pesquisas se desenvolvem a partir de um recorte histórico e social, através da análise de vestígios, documentos, imagens, sons e textos, também podem, por exemplo, serem usadas para analisar o surgimento das atividades físicas, das modalidades esportivas e dos valores humanos que os esportes proporcionam na formação como cidadão, além da saúde e bem-estar físico. Segundo Goellner (2005, p.80) “os registros históricos são sempre construções de determinadas pessoas e resultam de escolhas, seleções e modos de ver de quem as produziu.” Por isso mesmo as fontes históricas podem não ser completas ou definitivas. E sintetiza que, a partir desse ponto de vista, tratando-se de fontes e versões historiográficas, a “memória esportiva pode se caracterizar como uma rica fonte de investigação [...]. É fonte inesgotável de narrativas sobre o esporte e suas interfaces com a cultura, educação, ética, nacionalidade, ritos, simbologias, além de vários outros temas.” (GOELLNER, 2005, p.80).

Já a Sociologia estuda os fenômenos sociais e trata das relações humanas ao longo dos séculos. Busca entender, enquanto ciência, as relações entre grupos sociais, seu comportamento que possam vir a justificar as ações do homem com o meio em que se relaciona. O esporte, também é objeto de estudo como fenômeno social, uma vez que, de forma individual ou coletiva, promove o combate às desigualdades, ajuda na formação cultural, na educação como cidadão e na inclusão de minorias.

Com base na análise desses valores é que surge uma vertente da Sociologia, mais fortemente a partir do século XIX e com as primeiras modalidades esportivas em desenvolvimento, para pesquisar a sociedade e o comportamento dos cidadãos através do esporte – tanto enquanto prática física como base para troca de conhecimentos quanto para a construção de uma sociedade plural e democrática.

Os primeiros estudos a utilizar as práticas esportivas como base de análise começaram entre os séculos XVII e XIX. Souza e Marchi (2010, p.47) em “Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas” fizeram uma cronologia dos estudiosos que primeiro registraram a análise das atividades físicas e recreativas a partir da Sociologia. Segundo eles, “os estudos de Peter Beckford sobre a caça à raposa, em 1796, Pierce Egan sobre boxe, em 1812, e, aproximadamente, 70 anos mais tarde, os estudos de Montagu Shearman sobre a história e desenvolvimento do futebol, rugby e atletismo, publicado em 1887 e 1889 se destacaram neste período”. Apesar desde as primeiras décadas do século XX apresentarem outras publicações acerca da Sociologia do Esporte, foi somente a partir dos anos 1960 que os estudos nessa área – juntamente com o futebol como prática mundialmente popular e outras modalidades com estruturas e regras mais organizadas em federações, com cronograma de competições e atletas profissionais disputando – passaram a evoluir como auxiliar nas análises das teorias sociais.

Entre os estudiosos mais conhecidos dessa área, nome que frequentemente é associado à Sociologia do Esporte, é Pierre Bourdieu. Filósofo, professor e um dos sociólogos mais lidos e citados em todos os campos das teorias sociais, ainda que seu foco de análise não tenha sido exclusivamente dedicado ao esporte, tem em seus principais estudos sobre as modalidades e as práticas esportivas como destaque. No texto “Como é possível ser esportivo?” Bourdieu começa por diferenciar as práticas lúdicas do esporte moderno, ao chamar atenção para as condições históricas e sociais que fizeram uma prática se tornar um esporte, ou, em suas palavras: “[...] condições sociais que tornaram possível a constituição de instituições e agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos” (BOURDIEU, 1983, p. 137). Uma das lições de Bourdieu para um historiador e pesquisador do esporte é de não se limitar apenas em analisar as dinâmicas internas do campo de disputa. É também um exercício prático, mas no sentido de usar o esporte não como físico, mas como entidade - não só para compreender o próprio esporte, mas também o mundo.

Usando este mesmo mote de usar as próprias ferramentas para analisar não só a cronologia, mas sua própria constituição, as chamadas ciências da memória como Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia surgiram a partir da necessidade de identificar e reunir vestígios históricos e registrar, guardar, catalogar, classificar e dar acesso a esses mais variados vestígios da existência humana em seus mais variados aspectos. Nesse sentido, “o objetivo do Arquivo é provar, testemunhar; o da Biblioteca é instruir, informar; o do Museu é informar, entreter; e o do Centro de Documentação é informar.” (MALHEIRO, 2002, p. 578).

Malheiro ainda afirma que “se aceitarmos a informação, humana e social, como fenômeno e processo, a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação fazem parte integrante de um corpus científico unificado pelo mesmo objeto”.

Para contextualizar o foco principal da pesquisa objeto principal deste artigo e de como ela foi desenvolvida, usando todas as bases das ciências citadas nos parágrafos anteriores, a ideia de metodologia que em seu livro clássico o filósofo e professor francês Michel Foucault definiu como "Arqueologia do Saber" foi a grande referência. Ele usou a metáfora do ato de escavar, desenterrar, desvendar e descobrir da Arqueologia para "restabelecer as bases sólidas para a investigação científica e uma revisão conceitual que enfatizem a natureza recorrente da história epistemológica" (FOUCAULT, 2008, p. 237). Ou seja, propondo não só a investigação de documentos e fatos, mas a análise, a reflexão a partir destas descobertas. No apêndice de apresentação da obra diz que com ela “gostaria de mostrar que essas unidades formam domínios autônomos, embora não independentes; regrados, embora em contínua transformação; anônimos e sem sujeito, ainda que integrem tantas obras individuais.” (FOUCAULT, 2008, p. 237). E justamente nesse contraponto entre as ideias, os pensamentos e no que diz ser o nível das "coisas ditas"- ou seja, que são palpáveis, reais e existem, sintetiza Foucault - “o domínio das coisas ditas é o que se chama arquivo; o papel da arqueologia é analisá-lo”. Sintetizar em um termo essa ideia de trazer um assunto à tona, desenterrar do fundo dos arquivos, usar não só as ferramentas tecnológicas, mas também as publicações físicas para o primeiro plano e analisá-los é justamente o que ele quer dizer como o ato arqueológico da busca de informações através da pesquisa e análise deles para a resolução de problemáticas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 São Paulo, cidade desigual**

Não é de hoje que o esporte na cidade de São Paulo tem histórias de atletas descobertos em peneiras, de promessas que viraram talentos pelo olhar atento de um professor ou de um técnico, ou são levados a representar uma modalidade esportiva pela possibilidade de crescimento pessoal e de mudar a realidade financeira própria e de sua família. Quando esses atletas são negros, periféricos, de origem humilde e de poucas oportunidades de acesso a uma educação e cuidados básicos como moradia, saúde e alimentação adequadas, suas histórias comprovam que, por questões raciais e sociais, tiveram que mostrar muito mais talento e perseverança que a grande maioria dos brancos para seguir sendo representantes de entidades; e usar a superação não

só física, mas emocional para ter uma oportunidade de treino ou ascensão como um atleta profissional.

Segregar significa marginalizar, separar, isolar. A segregação social é a essa separação geográfica de um grupo de pessoas, a partir de critérios como a raça, cor, religião, etnia, educação, nacionalidade ou qualquer outro fator que possa servir como meio de discriminação. A exclusão de minorias é um fato diário, tão enraizado dentro das estruturas sociais, que acaba até mesmo sendo normalizado como parte do comportamento comum de algumas pessoas ou instituições. Uma das formas de manifestação mais cruéis de segregação social é o racismo. Os efeitos da segregação racial foram muito severos em países como EUA e África do Sul, pautados por legislações segregacionistas. “A segregação racial representou a abolição de direitos civis básicos, tal como a liberdade de locomoção e de expressão.” (BRAGA, 2018, p.54). No Brasil, após a abolição da escravatura, essa marginalização da população negra, ex-escravizada e seus descendentes, se deu a partir do preceito de que “a consolidação da visão, de cunho racista, de que o progresso do país só se daria com o ‘branqueamento’”. E isso, salienta Theodoro, “suscitou a adoção de medidas e ações governamentais que findaram por desenhar a exclusão, a desigualdade e a pobreza que se reproduzem no país até os dias atuais.” (THEODORO, 2008, p. 15).

Esses fatos ficam evidentes quando analisamos números. Conforme informações de matéria do UOL Economia de 04 de dezembro de 2015, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que 54% da população brasileira é negra, mas são só 17% dos mais ricos. Mesmo sendo a maioria em números populacionais, a situação no mercado de trabalho, a renda e as condições de moradia são bastante desiguais conforme a cor e raça dos brasileiros. Segundo este mesmo relatório do IBGE, com demonstrativo a partir de diversos aspectos da população do Brasil, “pretos e pardos têm maiores taxas de desocupação e informalidade do que brancos, estão mais presentes nas faixas de pobreza e extrema pobreza e moram com maior frequência em domicílios com algum tipo de inadequação” (SARAIVA, 2020).

Sobre a questão da representatividade, uma das vozes mais recentes dos estudos de História na atualidade, a historiadora Luanna Jales em seu artigo Minorias, na coletânea Novos combates pela História, sinaliza que minorias são consideradas a partir não do número quantitativo, mas como representação. “[...] estigmatização social, discriminação na esfera pessoal, governamental e legal; desvantagem quanto à representação política e econômica de seus interesses frente a uma dita maioria

(assim, as minorias também podem ser chamadas de 'grupos sub-representados'). (JALLES, 2021, p. 203)

A sub-representação desses grupos, especialmente por raça, cor e gênero, se reflete em números e na própria aceitação identitária. Segundo relatório divulgado em 2017, elaborado pela Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo (SMPIR), órgão da Prefeitura de São Paulo, indica que, “com base nos dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE), a população da cidade de São Paulo era de 11.253.503 habitantes. Desses, aproximadamente 37% (4.164.504 habitantes) pertenciam à população autodeclarada negra (pretos e pardos)” (PREFEITURA SP, 2017).

Mas não é só recentemente que a cidade dos paulistas e paulistanos é desigual em termos econômicos, sociais e raciais. Florestan Fernandes, um dos autores brasileiros mais importantes a analisar as questões e diferenças sociais, teve a miscigenação como objeto de estudo em uma de suas primeiras obras. Publicou em 1955, em parceria com Roger Bastide<sup>1</sup>, ‘Branços e Negros em São Paulo’, obra que investiga a transformação do escravo em cidadão e como o preconceito, os estereótipos e o comportamento inter-racial se desenvolveram atreladas à marginalização e discriminação, refletindo na ascensão dos negros em vários aspectos sociais.

A exploração da mão-de-obra do negro escravizado em substituição ao índio influenciou diretamente o crescimento e expansão da província de São Paulo. Além do aumento da população e de uma economia circulante surgida a partir do comércio, grandes obras começaram a ser erguidas e foram símbolos da transformação da província rural para uma condição urbana: prédios, carros, ruas asfaltadas, casarões suntuosos, valorização de terrenos, expansão e ocupação territorial. Junto com o crescimento populacional, evoluía o pensamento em relação à questão da exploração dos negros escravizados. A abolição tardia da escravidão no Brasil, em 1888, apesar de simbólica pouco foi efetiva em ações para acolher esses trabalhadores. Após a libertação, a lei e a sociedade brasileira não asseguraram ao ex-escravizado nenhum direito, apenas a obrigatoriedade de tolerar o convívio e que os serviços prestados fossem pagos. Com isso, toda a carga de rejeição que já havia sobre negros e mestiços vistos como inferiores intelectualmente se traduziram em preconceito e discriminação social. Foi esse comportamento que condicionou o negro a funções consideradas inferiores – trabalhos braçais e domésticos – e os bairros afastados do centro, as chamadas periferias. Já que desde o desenvolvimento da cidade como

---

<sup>1</sup> Sociólogo francês que em 1938 veio a São Paulo para assumir a cátedra de Sociologia na recém-criada Universidade de São Paulo (USP).

metrópole o grande centro e os bairros eram considerados para os ricos e abastados.

Quando o surgimento e prática de atividades físicas e recreativas começaram a ganhar força, em paralelo à industrialização e ao crescimento populacional, a cidade passou a evidenciar ainda mais a relação desigual e as manifestações de preconceito especialmente entre pobres e ricos, brancos e negros. O movimento operário, que alicerçou a popularização do futebol como prática esportiva, tanto na Inglaterra – onde a modalidade surgiu e se profissionalizou – como em grandes centros urbanos como São Paulo, é um dos exemplos mais emblemáticos dessa divisão de classes e raças.

Em seu livro *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, Marcos Guterman sinaliza que o esporte aparece primeiro como atividade da elite, importado e jogado por estrangeiros aristocráticos ou ligados aos investidores europeus que exploraram as oportunidades abertas pelo desenvolvimento do país no final do século XIX. Negros e operários só teriam vez ou nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ricos ganhassem títulos. “Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas.” (GUTERMAN, 2013, p.5).

Na obra supracitada de Florestan e Bastide um dos capítulos trata exatamente da questão de esporte e cor. Neles os autores indicam que já nos 1950 muito já havia sido escrito sobre a ascensão do negro através do atletismo e do futebol no Brasil. Porém, as teorias retratavam as vitórias, a vitalidade e a força dos atletas negros, mas na prática as diferenças sociais e raciais eram evidentes nas atitudes em relação não só aos jogadores, mas aos espectadores e frequentadores dos clubes. Segundo os autores “[...] apesar da auréola das vitórias, do dinheiro e das honras, ainda existem clubes, como o Palmeiras, que não aceitam negros em seus quadros; outros como o São Paulo e o Tietê, que durante muito tempo mantiveram bailes separados e ainda os mantêm, para brancos e para pretos”. (FERNANDES, BASTIDE, 1959, p. 187). Mesmo times que tinham na sua formação a origem operária mantinham esse comportamento. O Corinthians, no passado, segundo a pesquisa de Fernandes e Bastide (1959, p. 187), permitia os atletas de todo tipo em campo e na torcida, mas “não aceitam negros em suas piscinas”.

Esse relato, feito há menos de 70 anos por dois grandes sociólogos, ilustra que evoluímos muito pouco na equiparação de direitos de acesso e democracia de raça na sociedade e na prática esportiva. Em ambas as obras citadas, usar como referencial a modalidade mais popular do país ajuda a entender como fatos históricos e decisões

políticas podem se desdobrar de um evento esportivo e atingir a todos, com mais ou menos força, dependendo das escolhas feitas pelos governantes. E se esses fatores atingem em cheio o esporte com mais verbas de patrocínio, mais visibilidade na mídia, mais atletas disputando campeonatos, o que se pode dizer de outras modalidades com menos projeção midiática, menos possibilidade de acesso por falta de investimentos e de possibilidade de que meninos e meninas, principalmente de origem de classes sociais menos favorecidas cheguem a ter acesso às possibilidades de praticar um esporte.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A proposta metodológica para realização deste artigo foi uma pesquisa bibliográfica e documental de cunho exploratório nos sites de entidades como CBF – Confederação Brasileira de Futebol, COB – Comitê Olímpico Brasileiro, FPF – Federação Paulista de Futebol e federações paulistas e nacionais das demais modalidades sugeridas nesta pesquisa: além do futebol, vôlei, judô, atletismo e basquete. Os nomes desses atletas e suas trajetórias também foram pesquisados em locais como a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o Arquivo do Estado de São Paulo, os centros de documentação dos clubes como Ypiranga, Pinheiros, Paulistano e São Paulo Futebol Club; também centros de memória como o da Secretaria de Esporte de São Paulo, Museu do Futebol, arquivos de jornais e revistas. Nesses locais foi possível avaliar se esses dez atletas objeto da pesquisa ) tem sua história registrada e quais documentos estão disponíveis para pesquisa e divulgação. Da mesma forma, procuramos compreender se algum desses atletas sofreu algum tipo de discriminação racial, social ou de gênero que tenha sido divulgada na época, ou repercutida em algum momento, durante, ou depois de encerrada a carreira esportiva.

Algumas fontes e bases de dados de artigos científicos foram selecionadas, mas por não apresentar resultados para nenhum dos dez atletas da proposta, foram desconsideradas. Entre as fontes desconsideradas estão: BRAPCI, Intercom, Periódicos Capes, Scielo, Teses USP, CEDOC FESP e World Cat.

Em outros acervos, em função da pandemia de COVID-19, no período da pesquisa entre os meses de Dezembro/2020 a Abril/2021, ocorreu a suspensão das consultas presenciais. São eles: Arquivo Municipal de SP, Arquivo do Estado de SP, Hemeroteca da Biblioteca Mario de Andrade e redação da Gazeta Esportiva, também ficaram fora deste levantamento. Destaca-se que nenhum deles tem serviço pesquisa online, somente consulta no arquivo físico.



Outros periódicos também foram desconsiderados por terem consultas pagas ou não ter busca online em seus sites, entre eles estão:

- Estadão Acervo: tem alguns campos de busca gratuitos, mas para pesquisas personalizadas é preciso ser assinante;
- Jornal Lance!: não tem busca online e não disponibiliza consulta ao acervo e nem algum serviço de atendimento para pesquisa;
- site da revista Veja Acervo: foi disponibilizado em 2008 gratuitamente pela comemoração dos 40 anos da publicação, mas no momento desta pesquisa, somente disponibilizado para assinantes.

Sites de entidades esportivas como: o Museu Olímpico, Museu da Seleção Brasileira de Futebol não tem campo de busca em seus sites oficiais ou consulta ao acervo online. O Comitê Olímpico Internacional (COI) até possui uma consulta ao histórico, a Olympic World Library, mas também não mostrou resultados aos atletas consultados. Algumas entidades específicas como Secretaria Estadual de Esporte e Federações Paulista de Volleyball, de Atletismo, de Basquete e de Futebol não possuem em seus sites campo de busca e dados de registro ou dados específicos sobre atletas e equipes somente por cadastro em uma área restrita do site. Outros sites de base de dados como o Sports Reference, atual Olympedia.org, também foram desconsiderados por não ter uma busca específica por verbete e ter mais dados estatísticos sobre modalidades específicas.

Locais de pesquisa com resultados positivos para busca pelo nome dos dez atletas e considerados na contagem final:

- Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital)
- Entidades esportivas: Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, CBA - Confederação Brasileira de Atletismo, COB - Comitê Olímpico Brasileiro, World Athletics IAAF (International Association of Athletics Federations) - Associação Internacional de Federações de Atletismo, IOC - International Olympic Committee - Comitê Olímpico Internacional, CBB - Confederação Brasileira de Basquete, FIBA - International Basketball Federation (FIBA) - FIBA.basketball, Data Basket, Naismith Memorial Basketball Hall of Fame, CRFB – Centro de Referência do Futebol Brasileiro (Museu do Futebol), CBJ | Confederação Brasileira de Judô, IFJ - International Judo Federation, Infraero Hall da Fama do Judô, Kodokan Judo Museum & Library, CBV - Confederação Brasileira de Vôlei e FIVB - Fédération Internationale de Volleyball..
- Jornais e Revistas: Folha de São Paulo | Acervo, O Globo | Acervo, Jornal dos

Sports, Manchete Esportiva, O Globo Esportivo, Globo Esporte.com, UOL Esporte

- Sites de busca e referência: Google Busca, Google Trends e Wikipedia.

- Alguns dos times e equipes em que os atletas atuaram: Ypiranga, Paulistano, Pinheiros, Esporte Clube Sírio, Volei Bauru e São Paulo Futebol Clube.

#### **4. OS ATLETAS**

Apresentam-se a seguir os 10 atletas foco desta pesquisa:

##### **ATLETISMO**

###### **- Adhemar Ferreira da Silva**

Foi um atleta brasileiro, primeiro bicampeão olímpico do país. Conquistou medalhas de ouro no salto triplo nas Olimpíadas de Helsinque em 1952 - superando o recorde mundial - e nas Olimpíadas de Melbourne em 1956. Foi também tricampeão em Jogos Pan-Americanos: Buenos Aires em 1951, Cidade do México em 1955 - superando pela segunda vez o recorde mundial - e Chicago em 1959. Em 2012, foi imortalizado no Hall da Fama do Atletismo. Ele é o único brasileiro a representar o país no salão da Federação Internacional de Atletismo (IAAF), criado como parte das celebrações pelo centenário da instituição.

###### **- Wanda dos Santos**

É uma atleta brasileira das modalidades de salto em altura e corrida com barreiras. Sua carreira teve início nas pistas do colégio e do Clube Atlético Ypiranga, em 1943. Passou também pela Sociedade Esportiva Palmeiras até chegar no São Paulo Futebol Clube, em 1947, fazendo parte do elenco treinado pelo famoso alemão Dietrich Gerner, que também foi técnico de Adhemar Ferreira da Silva. Representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Verão de 1952 em Helsinque, na Finlândia, e no Jogos Olímpicos de Verão de 1960 em Roma, na Itália. Conquistou um total de quatro medalhas nos Jogos Pan-Americanos durante a carreira.

##### **BASQUETE:**

###### **- Carmo de Souza**

Rosa Branca foi jogador da seleção brasileira, defendendo suas cores por 12 anos e atuando em todas as posições: pivô, ala e armador. Conquistou o bicampeonato mundial pelo Brasil, no Chile em 1959, e no Brasil, em 1963, além de duas medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de Roma (1960) e em Tóquio (1964). Foi também tetracampeão sul-americano e medalha de prata e bronze nos jogos pan-americanos.

Foi campeão do Paulista do Interior em 1954 e 1956, e vice-campeão do Campeonato Paulista de 1954. Em 29 de outubro de 1958, transferiu-se para o Palmeiras, posteriormente passou pelo Juventus, e encerrou a carreira jogando pelo Corinthians, em 1971.

#### **- Marta Sobral**

Pivô da seleção nacional conseguiu uma medalha de ouro de basquete nos Jogos Pan-americanos de Havana, em 1991. Também conquistou a medalha de prata nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, e medalha de bronze em Sydney 2000. É irmã da também jogadora e medalhista Leila Sobral.

### **FUTEBOL:**

#### **- Petronilho de Brito**

Petronilho nasceu dia 31 de maio de 1904 em São Paulo. É irmão de Waldemar de Brito, quem descobriu Pelé para o mundo do futebol. Ponta-de-lança de baixa estatura, drible rápido e desconcertante, criativo. Para muitos, foi o verdadeiro inventor da “bicicleta”. Petronilho de Brito foi o primeiro negro brasileiro a jogar num clube estrangeiro. Lançou definitivamente a figura do negro no futebol paulista e brasileiro.

#### **- Roseli de Belo**

Roseli foi integrante da primeira Seleção Brasileira de Futebol Feminino convocada pela CBF, em 1988. Disputou os torneios olímpicos de futebol de Atlanta, Sydney e Atenas, além das Copas do Mundo de 1991 e 1995. Foi tricampeã sul-americana nos anos de 1991, 1995 e 1998. Na edição de 1998, na disputada na Argentina, sagrou-se artilheira com 16 gols marcados.

### **JUDÔ:**

#### **- Carlos Honorato**

Carlos Eduardo Honorato é um judoca brasileiro, vice-campeão olímpico, medalhista de bronze pan-americano e mundial da categoria médio. Favorito a medalha de ouro na Olimpíada de 2004, alcançou as quartas-de-final quando foi derrotado pelo britânico Winston Gordon.

#### **- Soraia André**

Soraia, judoca conhecida como a lutadora japonegra, foi pioneira do judô no país,

decacampeã nacional e a primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro em Jogos Pan-Americanos (em Indianápolis, 1987). Além disso, a ex-atleta esteve nos Jogos Olímpicos de Seul (1988), quando a modalidade surgiu na Olimpíada apenas como exibição e em Barcelona, 1992.

## **VÔLEI:**

### **- Arlene Xavier**

Arlene iniciou sua trajetória graças ao incentivo do atacante da seleção masculina de vôlei Gilson Alves (Gilson, mão-de-pilão) no Filipense, em 1987. Em 1990 se uniu ao Minas Tênis Clube, pelo qual ganhou a Superliga em 1992. Defendeu outros clubes como BCN/Osasco e Flamengo. Sempre premiada como melhor recepção e defesa, antes da instituição da posição do líbero, ela atuava como atacante pelo meio, pela ponta e pela saída de rede. Arlene cresceu como líbero, e aos 32 anos foi convocada para a seleção brasileira que disputaria o Montreux Volley Masters de 2002. Contribuiu nas conquistas do vice-campeonato da Copa do Mundo de Voleibol Feminino em 2003, no Japão, bicampeonato do Grand Prix de Voleibol em 2004 e 2006, ambos em Reggio Calabria, na Itália; e a medalha de ouro na Copa Pan-Americana de Voleibol Feminino em 2006, disputada em San Juan, no Porto Rico.

### **- Fábio Paranhos**

Fábio Paranhos Marcelino, mais conhecido como Pinha, atuou como ponteiro em clubes nacionais e do exterior, além de servir a Seleção Brasileira, sendo na categoria infanto-juvenil medalha de ouro no Mundial em 1989 nos Emirados Árabes e ouro no Mundial Juvenil de 1993 na Argentina. Pela seleção principal disputou quatro edições da Liga Mundial, sendo medalhista apenas em 1994 e 1995, bronze e prata, respectivamente, além de ser medalha de ouro no Campeonato Sul-Americano de 1995, realizado no Brasil.

Usando as entidades consideradas com resultados positivos obtidos na pesquisa pelos dez atletas e listadas no tópico Metodologia, as informações localizadas e obtidas foram as seguintes, conforme tabela abaixo:

LOCAIS USADOS NA PESQUISA										
ATLETAS	Hemeroteca Biblioteca Nacional	Entidades Esportivas	Museus de Acervo Especializado em Esportes	Imprensa (Jornais e Revistas)	Sites de Esporte	Google	Wikipedia	Secretarias de Esporte (SP)	Times e Clubes	Total de informações encontradas
Adhemar F da Silva	X	X		X	X	X	X	X	X	300
Arlene Xavier		X		X	X	X	X		X	288
Carlos Honorato		X	X	X	X	X	X		X	120
Carmo de Souza		X		X	X	X	X		X	98
Fábio Paranhos		X			X	X	X		X	45
Marta Sobral		X		X	X	X	X		X	55
Petronilho de Brito	X	X		X	X	X	X		X	150
Roseli de Belo		X	X		X	X	X		X	38
Soraia Andre	X	X		X	X	X	X		X	79
Wanda dos Santos	X	X		X	X	X	X		X	92

Fonte: Planilha elaborada pela autora

Segundo os dados da tabela, alguns dos destaques da pesquisa são:

1. O atleta com mais informações em todos os campos da pesquisa, exceto em acervos online de museus especializados em esporte, foi Adhemar Ferreira da Silva. De fato, pela representatividade e em especial o resgate da memória que o time em que Adhemar atuou, o São Paulo Futebol Clube, faz, é um dos nomes mais conhecidos dessa lista.
2. Arlene Xavier também está em evidencia porque, até o momento, ainda atua como jogadora do time Vôlei Bauru e por sua longevidade no esporte tem sido bastante registrada na imprensa esportiva e se encontram mais registros sobre ela em sites de notícias do esporte como G1 e UOL e em sites de entidades esportivas como a Confederação Brasileira de Vôlei, além do site do Vôlei Bauru.
3. Petronilho de Brito tem também muitos registros além de seu pioneirismo, mas também por causa da referência ao seu irmão, Waldemar de Brito, que também foi jogador e é mais conhecido por ter, quando atuou como treinador, descoberto o talento de Pelé como jogador.
4. Uma surpresa negativa nos números de busca é sobre Roseli de Belo. Apesar de pioneira no futebol feminino brasileiro, é a que menos tem registros em sites de notícia, mas por outro lado ganha bastante destaque no acervo de dados do Museu do Futebol.

## 5 RACISMO E PRECONCEITO

O mundo ideal, dentro e fora do esporte, seria noticiar que a representatividade dos sub-representados ou comumente denominados minorias – mulheres, pobres, negros, toda a comunidade LGBTQIA+ - está em níveis ideais de equiparação com o padrão homem, branco, heterossexual em termos de escolaridade, mercado de trabalho, acesso a bens de consumo, e etc. E que notícias de discriminação e preconceito contra essas minorias fossem apenas dados de um passado muito distante. Porém, os dados e números evidenciam o quanto essas diferenças estão presentes no nosso cotidiano. Amanda Gorziza da Revista Piauí, em 21 de dezembro de 2020, na matéria “Racismo Futebol Clube” retrata que “Denúncias de discriminação racial nos gramados e nas arquibancadas aumentaram 235% entre 2014 e 2019”. O levantamento é feito pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol que, apesar do nome, monitora os casos de denúncia de racismo, que são ou não repercutidos pela grande mídia em todas as modalidades esportivas, incluindo os esportes eletrônicos, denominados e-sports. Essa é uma das iniciativas que usam o esporte para identificar e informar a sociedade sobre os casos de discriminação racial e refletem o que a sociedade também produz e reproduz essa realidade, infelizmente, ainda muito atual e presente também fora das quadras, piscinas, ginásios, estádios e campos.

Quanto aos atletas foco dessa pesquisa, a grande maioria sofreu algum tipo de preconceito racial. Quando fiz uma busca no Google usando o padrão “NOME DO ATLETA + racismo” alguns dos resultados obtidos foram:

1) Em Helsinque, Wanda dos Santos foi vítima de preconceito, quando as competidoras se recusavam a ficar próximas ou até mesmo cumprimentá-la por ela ser negra (NINA, 2018).

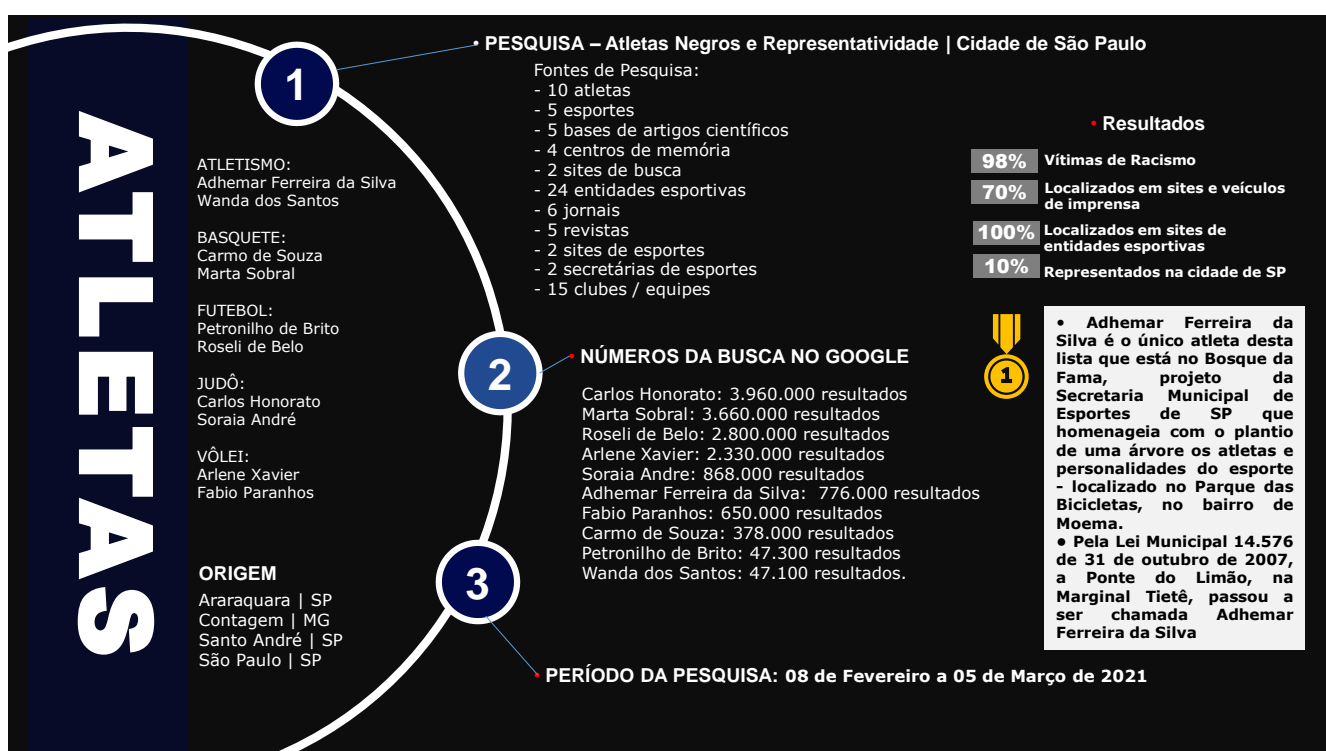
2) No extinto periódico O Globo Esportivo, no período de 1938 a 1952, a busca por "Petronilho de Brito" resultou em 5 resultados. Destaque para a edição 634 do ano 1951. Uma matéria de página inteira falava dos "colored", como os negros eram chamados. Petronilho foi o primeiro a ter um contrato internacional, ao jogar pelo San Lorenzo na Argentina. Um trecho do texto diz "Petro foi, pode-se dizer, o primeiro super-az, o primeiro ídolo "colored" do futebol paulista e quiçá, nacional porque até 1921 nenhum nome de futebolista de côr conseguiu a fama e as glórias de um Fried, (...).Formiga, Fortes, etc. Basta dizer que não encontramos "coloreds" nas

seleções paulista e brasileira até 1921." (O GLOBO ESPORTIVO, 1951). Não é exatamente uma manifestação de racismo, mas era um tratamento diferenciado ao se referir aos jogadores negros, especialmente no futebol.

3) Marta Sobral em uma entrevista ao canal Preto Tu, em 2016, disse: "Eu já sofri preconceito sim. Comecei a jogar basquete com 14 anos em São Paulo. E quando a gente chegava para o treino, para entrar no mesmo lugar, sempre me pediam para eu entrar pelo fundos. As minhas amigas entravam pela porta principal, e eu sempre tinha que entrar pelo lado de trás. Eu não entendia. Muitas coisas que hoje eu vejo que era preconceito [na época], eu não entendia" (BRASIL DE FATO, 2016).

4) Soraia Andre em entrevista, em 2020, ao site Surto Olímpico disse: "Uma das formas que lidei com os preconceitos foi me alienar totalmente. Criei uma redoma em torno dos meus pensamentos e sentimentos. Atualmente lido com esta questão muito bem, pois escuto exatamente de onde parte determinada fala ou ação. O racismo é algo estrutural, ou seja, está fundamentado em nossa sociedade. Em minha opinião devem ser criados mais espaços de falas, congressos, seminários conduzidos por especialistas no tema. Acredito que todas as pessoas devem ser convidadas a ouvir, pensar e questionar sobre o tema. Além da criação de mais ações afirmativas".(BUENO, 2020).

A síntese do resultado da pesquisa bibliográfica está representada no infográfico abaixo:



Fonte: Infográfico elaborado pela autora

Apesar de não ser o maior em números na busca do Google, Adhemar Ferreira da Silva, considerado o maior atleta olímpico brasileiro, é novamente o destaque. Além de dar nome à Ponte do Limão, localizada na Marginal Tietê, desde 2007, ele também é representado na memória esportiva e do time do São Paulo Futebol Clube das seguintes formas:

- Na temporada 2016-2017 o São Paulo Futebol Clube lançou oficialmente uma terceira camiseta do uniforme do time de futebol com a cor amarela. Além de ser comemorativa para os Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, homenageava Adhemar Ferreira da Silva. O atleta já está eternizado no uniforme do time: as duas estrelas amarelas junto ao escudo no uniforme dos jogadores homenageiam os recordes de Adhemar nas Olimpíadas de 1952, em Helsinque, e dos Jogos Pan Americanos de 1955, realizados no México.

- É o único atleta brasileiro no Hall da Fama da IAAF - Associação Internacional das Federações de Atletismo. A indicação aconteceu em 2012 quando a instituição criou o hall dos atletas mais importantes da história da modalidade para comemorar o centenário de sua fundação.

- O Troféu Adhemar Ferreira da Silva foi criado pelo COB (Comitê Olímpico Brasileiro), em 2001, como forma de homenagear atletas e ex-atletas que representem os valores éticos, esportivos e morais que marcaram a trajetória de Adhemar, um exemplo de eficiência técnica, esportividade, companheirismo, sentido de coletividade e respeito ao próximo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em 11 de abril de 2021, conforme boletim oficial, o site da Biblioteca Nacional sofreu um ataque hacker e ficou 15 dias fora do ar para manutenção e verificação do que foi comprometido do seu acervo virtual ou perdido durante esse atentado. O que difere o Brasil de outros países na preservação e divulgação da memória é que os pesquisadores são dependentes de duas grandes e únicas fontes: a Hemeroteca da Biblioteca Nacional e a Cinemateca Brasileira. Sem essas duas instituições é quase impossível que um pesquisador brasileiro ou de qualquer outra nacionalidade que esteja em busca de informações, em português, nos acervos brasileiros tenha acesso a informações precisas e disponíveis de forma gratuita.

Quanto a informações sobre os atletas, como essa pesquisa demonstrou com apenas dez nomes, nem mesmo nas entidades esportivas como as Confederações



Nacionais, o Comitê Olímpico ou o próprio clube que os revelou detém informações sobre os atletas que fizeram a história em determinado time, representou o país em competições internacionais e conquistou medalhas importantes para a história esportiva do Brasil. As pesquisas em torno do esporte ainda ficam limitadas a grupos de pesquisadores que são interessados em sanar algum problema, ou curiosidade própria em torno de uma proposta, e tem que contatar entidade por entidade porque o país não tem local ou repositório onde essa memória pudesse estar devidamente armazenada. Esta não é uma situação encontrada apenas no Brasil, mas na maioria dos países. Mas é fácil entender que o incentivo ao esporte não é uma das prioridades já que nem o Ministério do Esporte existe mais nesse atual governo.

Quanto aos resultados, entre as boas surpresas que o material revelou foi o fato de não ter só registros bibliográficos e eletrônicos, mas audiovisual com entrevistas, filmes e um vasto material, que poderão ser objeto e foco de novas pesquisas. Porém, em relação à questão do racismo e da desigualdade de gênero, as condições se perpetuam. Isso pode ser visto tanto no número bastante inferior dos registros de atletas mulheres e homens da mesma modalidade, independente de serem ou não contemporâneos. Mas é fato que a sociedade passa a discutir mais as questões das minorias, e um ponto de mudança foi registrado em março de 2021. Tramita na Câmara dos Deputados o projeto de Lei 321/21 que garante à mulher igualdade nos valores de premiações em competições desportivas realizadas ou apoiadas por qualquer um dos poderes da República, em âmbito federal. No entanto, em relação à divulgação das importantes realizações no esporte paulista, paulistano e nacional, de atletas (homens e mulheres) negros(as), não há nenhum projeto específico. Nem em tempos de Jogos Olímpicos, em especiais de TV, na internet ou nas redes sociais, é possível verificar a citação ou lembrança de suas conquistas.

A partir desta experiência, é possível notar que a pesquisa bibliográfica e documental sobre o esporte torna-se bastante restrita, seja em áreas de registro de memória, como a Museologia e Biblioteconomia, seja em áreas como a História e a Sociologia. A divulgação e comemoração das realizações de atletas negros (as) ficam também disponíveis apenas no meio acadêmico, e possíveis de localizar somente por interessados nos temas, seja como pesquisadores ou fãs do esporte. As conquistas valorosas de craques do passado e do presente ainda é assunto para poucos quando deveria ser celebrado por muitos.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **Projeto garante à mulher igualdade nos valores de premiações em competições esportivas**. In: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/733498-projeto-garante-a-mulher-igualdade-nos-valores-de-premiacoes-em-competicoes-esportivas/>. Acesso em 20 mai 2021

BASTIDE, R. FERNANDES, F. **Branços e Negros em São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, P.R.S. **A rede de ativismo transnacional contra o apartheid na África do Sul**. 2010. 286 p. Dissertação (mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=35269@1>. Acesso em: 19 mai 2021.

BRASIL DE FATO. **Canal "Preto Tu" denuncia racismo no esporte com vídeos no Youtube**. In: Brasil de Fato. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2016/11/24/canal-preto-tu-denuncia-racismo-no-esporte-com-videos-no-youtube/>. Acesso em 20 mai 2021.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOELLNER, S.V. **Locais de memória: Histórias do Esporte Moderno**. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro v.1, n.2, p. 79-86, julho/dezembro, 2005. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/viewFile/9062/7192>. Acesso em: 19 mai 2021.

GORZIZA, A. **Racismo Futebol Clube**. In: Revista Piauí. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/racismo-futebol-clube/>. Acesso em 20 mai 2021.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

JALLES, L. et all. **Novos combates pela história: desafios - ensino**. Organização de Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky - São Paulo: Contexto, 2021.

MALHEIRO, A.B. **Arquivística, Biblioteconomia e Museologia do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da Ciência da Informação**. In: Integrar - 1º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002.

NINA, R. **A história do quimono preto: o luto de uma judoca impedida de lutar**. In: Dibradoras Blogosfera UOL. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/04/10/a-historia-do-quimono-preto-o-luto-de-uma-judoca-impedida-de-lutar/>. Acesso em: 19 mai 2021.

O GLOBO ESPORTIVO. Hemeroteca Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104710&pesq=%22petronilho%20de%20brito%22&pagfis=10727>. Acesso em 20 mai 2021.

OBSERVATÓRIO RACIAL FUTEBOL. Consciência Negra: as pioneiras do esporte que você nunca ouviu falar. In: Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em <https://observatorioracialfutebol.com.br/consciencia-negra-as-pioneiras-do-esporte-que-voce-nunca-ouviu-falar/>. Acesso em 20 mai 2021.

OLIVEIRA, J.C. **Petronilho: o primeiro negro a jogar no estrangeiro**. In: Memórias do Esporte. São Paulo. 25 jul 2020. Disponível em: <http://memoriasdoesporte.com.br/2020/05/27/petronilho-o-primeiro-negro-a-jogar-no-estrangeiro/>. Acesso em: 19 mai 2021.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Igualdade Racial em São Paulo: Avanços e Desafios. São Paulo, 2017. 54 p. Disponível em [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade\\_racial/arquivos/R\\_elatorio\\_Final\\_Virtual.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/R_elatorio_Final_Virtual.pdf). Acesso em 19 mai 2021.

PRUDENTE, E. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Jornal da USP, 31 jul 2020. Disponível em <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra>. Acesso em: 19 mai 2021.

RELATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL 2019. 2018 / Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS -- Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019. Disponível em [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2019.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2019/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2019.pdf). Acesso em 20 mai 2021.

RIGUES, R. **15 dias após ataque, site da Biblioteca Nacional volta a funcionar**. In: Olhar Digital. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/04/27/seguranca/15-dias-apos-ataque-site-da-biblioteca-nacional-volta-a-funcionar/>. Acesso em 20 mai 2021.

SARAIVA, A. **Trabalho, renda e moradia: desigualdades entre brancos e pretos ou pardos persistem no país**. In: Agência IBGE Notícias, 12 julho 2020. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29433-trabalho-renda-e-moradia-desigualdades-entre-brancos-e-pretos-ou-pardos-persistem-no-pais>. Acesso em 20 mai 2021.

SERRA, M. **Há 90 anos, nascia Adhemar Ferreira da Silva**. In: São Paulo F.C.net. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/noticias/noticias/historia/2017/9/29/ha-90-anos,-nascia-adhemar-ferreira-da-silva>. Acesso em 20 mai 2021.

SOUZA, J.D.; MARCHI JÚNIOR, W. **Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas**. Movimento (ESEF/UFRGS), v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010.

THEODORO, M. et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil : 120 anos após a abolição**, Brasília : Ipea, 2008. Disponível em [http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107\\_1899\\_Livrodesigualdadesraciais.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107_1899_Livrodesigualdadesraciais.pdf). Acesso em: 19 mai 2021.

TURCO, B. **IAAF cria "Hall of Fame" e premia brasileiro Adhemar Ferreira da Silva**. In: CBAT - Confederação Brasileira de Atletismo. Disponível em: <https://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=5343>. Acesso em 20 mai 2021.